

CONSCIÊNCIA NEGRA

Luta e diversidade marcaram o dia de ontem na Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem-Viver 2025. Familiares da militante feminista preta Lélia Gonzalez (1935-1994) estiveram no evento que reuniu milhares de pessoas em Brasília

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Apresentação das peneiras: demonstração de trabalho ancestral

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Rubens Rufino e Melina de Lima: filho e neta de Lélia González

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Os povos originários também compõem a diversidade do Brasil

Um movimento que já nasceu histórico

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



As religiões de matriz africana ganharam destaque na manifestação

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Coletivo de Reggae da Liberdade e Mulheres Batuqueiras, do DF

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Nina Costa: "Um momento de encontro, força e reconhecimento"

Há quase uma década, em 2015, mais de cem mil almas negras e femininas do Brasil ergueram suas vozes nas ruas, transformando-se em um rio de coragem contra o racismo, a violência e em celebração pelo bem-viver. Foi um marco que redefiniu o mapa da organização política das mulheres negras no Brasil e em toda a América Latina.

Agora, o eco daquela primeira marcha ressoa no presente. Unidas por um laço ancestral com as irmãs que caminham em todos os cantos do planeta, a Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver — a segunda marcha nacional (de calibre internacional) voltou a ser o movimento que a história espera.

Milhares de mulheres marcharam carregando nas costas não apenas faixas e cartazes, mas o peso sagrado do legado de quem veio antes de todos nós.

Entre os manifestantes, marcaram presença familiares da

pesquisadora Lélia Gonzalez (1935-1994), militante e referência do pensamento negro e feminista no Brasil: seu filho, Rubens Rufino, e a neta dela, Melina de Lima — filha de Rubens. Ambos caminharam por reparação e igualdade racial e de gênero.

Ao *Correio*, Rubens explicou que, mesmo sendo homem, considera fundamental estar ao lado das mulheres negras na luta por direitos. “É um grito. É a gente marcando lugar na sociedade brasileira. As mulheres são protagonistas, e as mulheres negras, mais ainda. Temos que apoiar”, afirmou.

Melina de Lima, historiadora e atual Coordenadora de Articulação Interfederativa na Senapir do Ministério da Igualdade Racial, participou da 1ª Marcha das Mulheres Negras, em 2015, compartilhando desse sentimento. “Estar cercada por tantas mulheres negras, de trajetórias e territórios diversos, nos traz força. A marcha é ato político, mas também espaço de cura, memória e esperança”, concluiu.

Minervino Júnior/CB



Manifesto pede a presença de mulheres pretas no centro do poder nacional

Ritmos representativos

» VITÓRIA TORRES

Após a Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem-Viver, a área externa do Museu Nacional foi tomada por apresentações musicais, exposições de artesanato e um público diverso que celebrou a arte e a ancestralidade. No palco, nomes como Larissa Luz — intérprete do jingle oficial *Mete marcha negona, rumo ao infinito* —, Luana Hansen, Célia Sampaio e Núbia, Prethais e Ebony animaram o público, com diversos ritmos musicais, do axé ao hip hop.

Milhares de pessoas participaram da celebração, entre elas mulheres negras, LGBTQIA+ e PCDs, além de homens e crianças, todos reunidos para compartilhar um espaço de potência coletiva. Para a influenciadora capixaba Kris

res pretas retintas, o evento simboliza avanços importantes. “Eu falo sobre mulheres pretas e a falta de representatividade que a gente tem. Quando eu era muito nova, uma professora me falou que, quando você não tem representatividade, você se torna a sua representatividade”, afirmou.

O evento também foi marcado por homenagens emocionantes. A socióloga Rani Teles, 32, e a antropóloga Sarah Nascimento, 35, ambas de Salvador, assistiram à projeção que lembrava Marielle Franco no telão do palco. A homenagem trouxe simbologias do Candomblé e reforçou a força e o legado da vereadora assassinada. “Nós estamos arrepiadas com essa homenagem porque toda vez que uma mulher negra ousa sair do seu lugar de subalternidade, a gente não sabe se tem garantia de vida”, disse Sarah.

Onika Bibiana, 35, mulher trans e professora de pole dance, veio de São Paulo especialmente para vivenciar o momento histórico. “Vim para confraternizar e pela luta dos



Mulheres pretas, LGBTQIAPN+ e PCDs se reúnem diante de palco com apresentações musicais diversas

direitos das mulheres negras. As artistas que estão cantando são mulheres negras. Há uma história

e um contexto, além do protagonismo de mulheres LGBTQIAPN+ aqui presentes. Me sinto muito

representada. Significa fazer parte da história e me ver em tantas mulheres”, conclui.